

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS ITAPECURU-MIRIM
LETRAS LICENCIATURA

LEANDRO TEIXEIRA DE SOUSA

**OS MÚLTIPLOS JOGOS DA LINGUAGEM: uma análise das relações de semelhanças
de família no processo de categorização da palavra amor**

ITAPECURU-MIRIM
2017

LEANDRO TEIXEIRA DE SOUSA

OS MÚLTIPLOS JOGOS DA LINGUAGEM: uma análise das relações de semelhanças de família no processo de categorização da palavra amor

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Renato Gomes dos Santos.

Sousa, Leandro Teixeira de.

Os múltiplos jogos da linguagem: uma análise das relações de semelhanças de família no processo de categorização da palavra amor. / Leandro Teixeira de Sousa – Itapecuru- Mirim, 2017.

34 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Campus de Itapecuru – Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Prof. Esp. Renato Gomes dos Santos.

1. Categorização. 2. Jogos de Linguagem. 3. Semelhanças de Família. I. Título.

CDU 81'33

LEANDRO TEIXEIRA DE SOUSA

OS MÚLTIPLOS JOGOS DA LINGUAGEM: uma análise das relações de semelhanças de família no processo de categorização da palavra amor

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 19/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Renato Gomes dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Esp. Tiago de Oliveira Ferreira (Examinador)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^a Esp. Maria da Conceição Aparecida N. da C. Muniz (Examinador)
Universidade Estadual do Maranhão

Aos meus pais, Maria e Pedro.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Esp. Júlio Sevante Galvão Cuiñas Alvarez, pela indicação de livros fundamentais para a compreensão da obra de Wittgenstein.

À professora Ma. Maria Lúcia de Sousa Holanda, pelas aulas de metodologia científica, as quais contribuíram para o meu amadurecimento quanto aos princípios científicos na academia.

Ao meu orientador, professor Esp. Renato Gomes dos Santos, por sua paciência e, acima de tudo, por sua dedicação e comprometimento com a pesquisa. Obrigado por sua amizade e preocupação em vários momentos deste percurso.

Aos meus colegas de curso, José Carlos Rodrigues Neto e Marco Aurélio Goulart, por nossas conversas descontraídas sobre temas da semântica.

Aos meus familiares, que nunca mediram esforços para me motivar a alcançar meus objetivos.

E a todos que direta ou indiretamente desempenharam papel nesta pesquisa, bem como na minha formação.

“Todo signo *sozinho* parece morto. O *que* lhe dá vida? — No uso, ele *vive*. Tem então a viva respiração em si? — Ou o *uso* é sua respiração?” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 129)

RESUMO

A presente pesquisa, fundamentada nas ideias filosóficas de Wittgenstein (1999) e na linguística cognitiva, bem como na semântica cognitiva, buscou analisar as relações de *semelhança de família* no processo de categorização da palavra amor, objetivando responder a três hipóteses quanto ao limite de parentescos que a palavra pode manter nos mais diversos contextos linguísticos. Para tanto, seguindo objetivos específicos, a pesquisa identificou e analisou os principais significados da palavra amor retirados de dois dicionários de língua portuguesa, definindo, dessa forma, os parentescos e os possíveis limites presentes em todos eles. A pesquisa propôs, aqui, um avanço ao estudo da categorização para a semântica cognitiva, que se ancorou nas ideias filosóficas de Wittgenstein para negar a abordagem clássica. A análise partiu do método hipotético-dedutivo, levando em consideração o caráter analítico da pesquisa. Restringiu-se à palavra amor, visto que esse tipo de palavra parece apresentar problemas na aplicação do conceito de *semelhanças de família*, pelo fato de haver uma imprecisão característica na linguagem humana, como argumentou o filósofo Wittgenstein. Concluiu-se que a palavra amor mantém limites de relações de *semelhanças de família*, e que tais limites são traçados pelos contextos em que a utilizamos, confirmando assim duas hipóteses, dentre as três que nortearam esta pesquisa.

Palavras-chave: Categorização. Jogos de linguagem. Semelhanças de família.

ABSTRACT

The present research, based in Wittgenstein's philosophical ideas (1999) and on cognitive linguistics, as well as on cognitive semantics, sought to analyze the relations of *family resemblances* in the process of categorization of the word love, aiming to answer three hypotheses regarding the limit of kinship which the word can hold in the most diverse linguistic contexts. To do so, following specific objectives, it identified and analyzed the main meanings of the word love taken from two Portuguese-language dictionaries, thus defining kinship and the possible limits present in all of them. The research here proposed an advance to the study of categorization for cognitive semantics, which was anchored in Wittgenstein's philosophical ideas to deny the classical approach. The analysis was based on the hypothetical-deductive method, taking into consideration the analytical character of the research. It was restricted to the word love, since this type of word seems to present problems in the application of the concept of *family resemblances*, because there is a characteristic inaccuracy in human language, as argued by the philosopher Wittgenstein. It was concluded that the word love maintains limits of relations of *family resemblances*, and that such limits are traced by the contexts in which we use it, thus confirming two hypotheses, among the three that guided this research.

Keywords: Categorization. Language-games. Family resemblances.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A LINGUAGEM EM USO	14
2.1 Jogos de linguagem.....	14
2.2 Semelhanças de família	18
2.3 Categorização.....	21
3 O SENTIDO IMPLÍCITO NO JOGO LINGUÍSTICO	23
3.1 A categorização da palavra amor	24
3.2 O sentido colocado em xeque.....	26
3.3 Os limites das relações de semelhança.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que a experiência linguística do indivíduo é complexa e ao mesmo tempo simples, visto que o falante no processo de comunicação ao interagir com outras pessoas e com as coisas que existem no mundo precisa fazer uso dos *jogos de linguagem* que inicia na linguagem primitiva, dita a mais simples, visto que é a fase em que o indivíduo nomeia as coisas, à linguagem mais subjetiva, dita a mais complexa, posto que é a fase em que o indivíduo faz uso de metáforas para expressar suas ideias (WITTGENSTEIN, 1999). Porém, a linguagem é vista por teóricos tradicionais como um meio objetivo, sem levar em conta a subjetividade comum à comunicação, seja no momento de formalidade ou de informalidade, num discurso científico ou numa conversa descontraída entre amigos, algo que tem sido mostrado por muitos estudos, nos quais comprovam, por exemplo, que a linguagem é constituída, em grande parte, por estruturas metafóricas (LENS, 2013).

Partindo dessa discussão, entendemos que a linguagem, no ato interacional do jogo comunicativo, nem sempre se configura de forma simples e direta, padrão e universal, ela se articula de diversas formas, determinadas pelas situações pragmáticas de uso das unidades lexicais. Em outras palavras, a linguagem é uma atividade que se constitui por regras como um jogo de xadrez e que se materializa não apenas com a finalidade de descrever a realidade, por ser também complexa, visto que não é rígida e singular a sua estrutura, mas também com a finalidade de realizar várias ações cotidianas, tais como: fazer um pedido, uma saudação, um agradecimento (WITTGENSTEIN, 1999).

A semântica cognitiva pontua questões pertinentes a respeito da linguagem. Uma delas é a da aquisição de significados nas interações cognitivas pelas quais os falantes desenvolvem a capacidade de juntar informações diferentes como sendo equivalentes, e através do uso dessas informações, eles categorizam os objetos no mundo, sendo esse processo denominado de *categorização*. No entanto, a *categorização* acaba por ser uma problemática cara à semântica cognitiva, visto que existe uma dificuldade em definir que critérios possibilitam que um exemplar pertença a uma categoria. (OLIVEIRA, R. P., 2012).

O filósofo Wittgenstein foi quem, sem dúvida, deu a maior contribuição para essa questão. No livro *Investigações Filosóficas*, ele se questionou se haveria propriedades necessárias para que uma palavra pudesse pertencer a uma categoria, levantando a tese de que existe uma organização entre as categorias por *semelhanças de família* (WITTGENSTEIN, 1999).

Partindo da noção de que não há critérios necessários para que as palavras sejam usadas nos *jogos de linguagem*, e que o conceito de *semelhanças de família* não define os limites de parentesco que as palavras devem possuir nos seus vários usos, surge o problema desta pesquisa: a palavra amor pode manter relações de *semelhanças de família* ilimitadas no processo de categorização?

Durante esta investigação, encontramos alguns pesquisadores, ancorados pela filosofia, que discutiram as relações de *semelhança de família* que as palavras mantêm no processo de categorização, como Costa (1982), Oliveira, P. (2004) e Brambatti (2014).

A análise feita pelos autores citados acima focou, principalmente, no contra-argumento à *concepção essencialista de linguagem*. Costa (1982) propôs uma interpretação alternativa às ideias do filósofo como meio de preencher as lacunas deixadas pela noção de *semelhanças de família*, chamando a atenção para a falta de critérios que estabelecem limites de uso às palavras. Oliveira, P. (2004) discorreu sobre a contribuição de Wittgenstein para a compressão da linguagem humana através do conceito de *jogos de linguagem* e como as concepções do filósofo são pouco trabalhadas no ensino de línguas, muito porque ele é sempre referenciado à filosofia analítica. Brambatti (2014) analisou as consequências da destituição do conceito de *essência*, destituição proposta no livro *Investigações Filosóficas*, e sua substituição pelas *semelhanças de família*, para os fundamentos da filosofia.

Levando em consideração os estudos mencionados, esta pesquisa focará na oposição à *concepção essencialista* feita por Wittgenstein, no entanto, pela perspectiva linguística, visando contextos linguísticos em que a palavra amor está sendo empregada, com a finalidade de verificar se há relações de *semelhanças de família* ilimitadas. Assim sendo, buscamos nos ancorar nas leituras da linguística cognitiva, bem como da semântica cognitiva, que têm como preocupação descrever as características estruturais da categorização linguística, como por exemplo, prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais. Escolhemos tais ciências para confirmar o processo categórico da palavra amor pelo fato de que ambas se fundamentam nas ideias filosóficas de Wittgenstein, no que diz respeito à aquisição da linguagem, à estrutura semântica das palavras, o que as fazem compartilhar de certas objeções feitas ao filósofo, dentre elas a de que o conceito de *semelhanças de família* não define os limites de uso de uma palavra. Pautamos nosso estudo, quanto aos princípios e conceitos da linguística cognitiva, nos autores Lima (2010) e Silva (1997), aos quais abordam os objetivos da área, além da categorização. O primeiro focou nos modelos de categorização, realizando uma comparação entre o modelo clássico e o modelo de protótipos, ao qual a linguística cognitiva defende. O segundo apresentou os novos paradigmas nas ciências da linguagem,

mostrando que as pesquisas cada vez mais dão ênfase ao papel da cognição na linguagem humana.

A partir deste problema de pesquisa, foram estabelecidas algumas hipóteses como projeções dos objetivos e possíveis resultados. As hipóteses foram: (I) a palavra amor não mantém relações de *semelhanças de família* ilimitadas no processo de categorização. (II) As relações de *semelhanças de família* da palavra amor seguem uma margem de similaridade no processo de categorização. (III) A situação linguística é responsável por definir os limites das relações de *semelhanças de família* da palavra amor.

Esta pesquisa tornou-se relevante, principalmente, pela falta de estudos a respeito dos *jogos de linguagem* à luz da filosofia da linguagem e fundamentadas nas ideias do filósofo Wittgenstein, o qual é pouco conhecido pela perspectiva linguística. Ao abordar o problema da *categorização*, a pesquisa toca em um ponto de grande relevância para a investigação da linguagem humana, sendo há bastante tempo objetivo de muitos teóricos descrever os processos de aquisição de sentidos que acontecem através das experiências cognitivas. Além disso, busca resolver a lacuna na noção de *semelhanças de família*, também teorizada por Wittgenstein, que não define quais são os limites que as palavras mantêm nas muitas interações possíveis, isto é, nos múltiplos usos da linguagem.

Nesse sentido, propomos, nesta investigação, um avanço ao estudo da categorização para a semântica cognitiva, ao qual se ancorou na tese do filósofo para negar a abordagem clássica da semântica formal de que existem critérios pré-estabelecidos para que os participantes de um jogo usem cada palavra que faz parte da situação (OLIVEIRA, R.P, 2012).

A pesquisa surgiu da necessidade de se compreender certas relações semânticas entre palavras, como, por exemplo, as metáforas, na maneira como este tipo de construção se dá. Logo, pretendemos introduzir uma visão analítica do que seja categorizar, de como esse processo é possível nas relações semânticas que os falantes constroem pela comunicação.

Nesta pesquisa, restringiremos à palavra amor, visto que parece haver uma dificuldade no conceito de *semelhanças de família* em definir os limites de parentescos de algumas palavras que têm o seu significado ensinado ostensivamente. Partindo disso, analisamos como os sentidos gerados no uso de palavras que contenham seu significado implícito se organizam pelos processos de interação linguística.

Desta forma, objetivamos, nesta pesquisa, compreender as relações de *semelhanças de família* no processo de categorização as quais estão presentes nos *jogos de linguagem*, focalizando o uso linguístico da palavra mediado pelas regras que regem a situação na qual o

ouvinte e o falante, que são participantes do jogo, se encontram, gerando sentidos, a partir de contextos específicos que a palavra é empregada.

Delimitamos os objetivos desta pesquisa em: (I) Definir os critérios de uso da palavra amor; (II) Analisar os sentidos gerados em sentenças nas quais a palavra amor é usada; (III) Comparar as relações de *semelhanças de família* da palavra amor com seus critérios de uso; (IV) Descrever os limites das relações de *semelhanças de família* da palavra amor.

O processo metodológico utilizado nesta pesquisa é o exploratório, visto que propomos responder a um problema específico a respeito da noção de *semelhanças de família* descrita por Wittgenstein (1999) através do conceito de *jogos de linguagem*. Para tanto, foi empregada a técnica bibliográfica, que consistiu na coleta, análise e descrição dos significados da palavra amor fornecidos por dois dicionários de língua portuguesa.

Em razão da extensão do objeto a ser estudado e do tempo de execução da pesquisa, a delimitação de uma palavra será necessária para que seja viável a finalização dentro do prazo disponível. Assim, temos, portanto, como método principal, nesta investigação, o qualitativo, ao qual, ao nosso ver, permitiu que o objeto fosse analisado sem que se corresse o risco de abranger as observações realizadas. A palavra amor foi analisada em vários contextos para verificar se há relação de *semelhanças de família* no processo de categorização. Essa leitura só foi possível por usar uma lente filosófica, isto é, sob a perspectiva do pensamento filosófico (WITTGENSTEIN, 1999) dos fundamentos dados pelo filósofo, bem como nos princípios científicos da linguística cognitiva. A *corpora* desta pesquisa foi constituída de textos literários do gênero poema, uma letra de música e um texto jornalístico, nos quais foram coletados os dados.

A partir do exame dos dados, em que se fará a identificação das principais características de uso dessa palavra, investigamos, pautado no conceito de *semelhanças de família*, como os sentidos de tal expressão se relacionam e se organizam. A execução dessa análise foi realizada por meio da aplicação do método hipotético-dedutivo. A definição das condições para que tal palavra seja empregada em certos contextos partiu dos critérios de identificação das relações de *semelhança de família*, pautada nos estudos do filósofo Costa (1988). Em seguida, foram analisados os sentidos gerados pela palavra analisada, determinando, dessa forma, se há uma relação de parentesco em cada uso linguístico, descrevendo os limites das *semelhanças de família* da palavra amor, buscando, assim, diretamente, a confirmação ou a negação das hipóteses desta investigação.

Na seção 2 desta pesquisa, mostramos a necessidade de se compreender os três conceitos presentes nesta pesquisa, bem como lembramos que os dois conceitos teorizados por Wittgenstein são analisados, aqui, pela perspectiva linguística.

Na seção 2.1, apresentamos o conceito de *jogos de linguagem*, presente na obra *Investigações Filosóficas*, no qual o filósofo, em analogia ao jogo de xadrez, argumenta que nossa linguagem é constituída por regras as quais são responsáveis por determinar o sentido das palavras.

Na seção 2.2, mostramos o conceito de *semelhanças de família*, que atua como justificativa aos múltiplos usos que uma palavra mantém em diversos jogos da linguagem, havendo semelhanças, parentescos, entre cada um deles.

Na seção 2.3, apresentamos o conceito de *categorização*, pelo olhar da linguística cognitiva, visto que o conceito é amplamente conhecido na sua abordagem clássica, desde a Grécia Antiga com o filósofo Aristóteles. Veremos que a linguística cognitiva se baseia no conceito de *semelhanças de família* para negar que existem características necessárias e suficientes na nossa linguagem.

Na seção 3, apontamos para um fato argumentado por Wittgenstein de que os termos da linguagem são necessariamente imprecisos, sendo impossível demarcar limites precisos para o uso de um termo. A partir disso, direcionamos a análise da palavra amor, buscando as características de uso mais comuns a ela.

Para tanto, na seção 3.1, identificamos em dois dicionários de língua portuguesa, os significados da palavra amor, colocando-os em forma de proposições para que atuem como critérios pré-estabelecidos.

Finalmente na seção 3.2, analisamos a palavra amor em diversos contextos linguísticos, confrontando o seu sentido com os critérios pré-estabelecidos.

Na seção 3.3, constatamos que, sim, a palavra amor mantém ralações de *semelhança de família* limitadas, mas que tais limites na verdade são demarcados pelo contexto em que a palavra é empregada.

Na conclusão desta pesquisa, argumentamos que as ideias de Wittgenstein são verificáveis pelos princípios da linguística, visto que consideramos a sustentação do conceito de *semelhanças de família* à análise semântica feita nesta pesquisa. Ainda assim, lembramos que, mesmo com o caráter limitado desta pesquisa, e correndo o risco de distorcer o pensamento filosófico de Wittgenstein, buscamos cientificamente contribuir para o estudo da categorização.

2 A LINGUAGEM EM USO

O problema desta pesquisa está envolto por três conceitos, aos quais dois foram teorizados pelo filósofo Wittgenstein (1999). São eles: *jogos de linguagem* e *semelhanças de família*. O terceiro conceito é descrito pela semântica cognitiva: a *categorização*, que, por sua vez, baseia-se nos pressupostos da linguística cognitiva.

Sem o entendimento desses conceitos, e, principalmente, da relação entre cada um deles, não é possível a compreensão da investigação aqui realizada.

Tendo em vista que os conceitos teorizados por Wittgenstein são amplamente conhecidos pela perspectiva da filosofia em geral, é necessário lembrar que, nesta pesquisa, as ideias do filósofo são interpretadas pela perspectiva linguística. Em outras palavras, não se trata de uma interpretação filosófica, mas de uma pesquisa devidamente fundamentada em princípios científicos estudados pela linguística cognitiva. Embora não seja nosso objetivo abordar o conceito de *jogos de linguagem* à luz da filosofia como um todo, ainda sim lembramos a importância dele para a compreensão de problemas filosóficos e o seu papel nos novos paradigmas da filosofia pós-moderna.

O último conceito é o de categorização, ao qual é conhecido em diversas áreas. Isso não quer dizer que haja abundância em pesquisas, visto que a noção de categorização sempre foi estudada pela perspectiva da visão clássica, sendo recente o surgimento de pesquisadores interessados em analisá-la através de novas teorias.

2.1 Jogos de linguagem

O conceito de *jogos de linguagem* surge na segunda fase do pensamento do filósofo Wittgenstein¹, no qual sua definição foi apresentada logo no início da obra *Investigações filosóficas*. Sobre essa definição, na qual se privilegia o uso que se faz das palavras, a linguagem é concebida como um jogo com participantes, peças, regras, operações e situações em que estratégias devem ser usadas (WITTGENSTEIN, 1999). Para tanto, o filósofo parte do conceito de Santo Agostinho de que as palavras nomeiam objetos, e que frases são ligações dessas nomeações. A questão central, nessa ideia, é a significação, que passa a ser, junto à palavra, o

¹ A filosofia de Wittgenstein se divide em dois períodos demarcados pelas obras *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas*. Para alguns pesquisadores do filósofo, existe bastante distinção entre esses momentos. No entanto, não há consenso quanto a uma divisão de sua filosofia em duas partes que se opõem uma à outra. Mesmo havendo muitas diferenças entre as obras citadas, a investigação da linguagem continua com ponto central em cada uma delas (PENHA, 2013).

objeto substituído na nomeação. Em outros termos, o significado atua como uma referência dos objetos no mundo. A partir do entendimento dessa concepção de linguagem, escreve Wittgenstein:

Pensemos numa linguagem para a qual a descrição dada por Santo Agostinho seja correta: a linguagem deve servir para o entendimento de um construtor A com um ajudante B. A executa a construção de um edifício com pedras apropriadas; estão à mão cubos, colunas, lajotas e vigas. B passa-lhe as pedras, e na seqüência em que A precisa delas. Para esta finalidade, servem-se de uma linguagem constituída das palavras "cubos", "colunas", "lajotas", "vigas". A grita essas palavras; -B traz as pedras que aprendeu a trazer ao ouvir esse chamado. - Conceba isso como linguagem totalmente primitiva. (1999, p. 28).

A comparação da linguagem a um jogo é pensada por Wittgenstein quando o filósofo rejeita a crítica de Frege à analogia feita pelos formalistas, que versavam a aritmética como um jogo em que se usava símbolos (numerais) matemáticos. Para Frege, a aritmética versa sobre signos ou sobre objetos que os signos substituem, criando, assim, uma dicotomia. Embora não negasse aquilo que os signos representam, Wittgenstein não os pensava como substitutos dos objetos pertencentes a um jogo, mas como a soma de todas as regras que determinam o seu uso (GLOCK, 1998).

Os *jogos de linguagem* foram descritos por Wittgenstein como uma maneira simples de usar os signos linguísticos. Isso porque ele considerou os jogos bem menos complexos do que a linguagem que é usada todos os dias pelo indivíduo, no qual ela é entendida como complicada. O filósofo também os definiu como uma espécie de forma de vida, por exemplo, uma criança ao aprender a usar as palavras, ela passar a existir nos jogos das palavras, isto é, nos jogos da linguagem, pois é por meio do uso das palavras que ela aprende as regras do jogo e passa também a fazer as jogadas linguísticas para interagir com as coisas e com os outros indivíduos.

Mas, posteriormente, o filósofo não ver mais nos *jogos de linguagem* uma forma primitiva de usarmos a linguagem, pelo contrário, ele passa a entendê-los como um sistema de comunicação pelo qual acontece o ensino e a aprendizagem da sua língua materna (WITTGENSTEIN, 1992).

Ao analisar o fato de que muitas palavras são ensinadas às crianças apontando-se para objetos, de maneira ostensiva, dando a entender que o significado é na verdade o objeto, Wittgenstein esclarece que essa relação não é monolítica, ou seja, ensinar o significado de palavras dessa forma funciona como um treinamento para a finalidade da palavra, mas isto para a situação em questão (em que a palavra é usada de acordo com a necessidade que o momento exige), em outros contextos terá uma finalidade diferente, não terá a mesma carga semântica, o mesmo impacto linguístico:

Uma parte importante desse treinamento consistirá no fato de que quem ensina mostra os objetos, chama a atenção da criança para eles, pronunciando então uma palavra, por exemplo, a palavra "lajota", exibindo essa forma. [...] Esse ensino ostensivo das palavras, pode-se dizer, estabelece uma ligação as-sociativa entre a palavra e a coisa: mas o que significa isso? Ora, isso pode significar coisas diferentes; no entanto, pensa-se logo no fato de que, quando a criança ouve a palavra, a imagem da coisa surge perante seu espírito. (1999, p. 29).

O filósofo, em seguida, passa a entender a analogia do jogo à linguagem de maneira mais ampla. A linguagem é vista como uma atividade com regras, aos quais são responsáveis por guiá-la. Todavia, as regras da linguagem não devem servir para determinar o uso que o indivíduo faz das palavras como um jogo, efetivamente. Não se trata de usar as palavras pensando em como elas terão êxito, como no xadrez, mas se faz sentido ou estará correto usá-las em uma situação comunicativa. Logo, o significado de uma palavra não pode ser visto como apenas uma substituição de um objeto.

Os *jogos de linguagem* podem ser classificados, basicamente, em duas categorias gerais: simples e compostos (COSTA, 1982).

Segundo Costa, os jogos simples podem ser entendidos como formas fundamentais presentes na comunicação humana. Como exemplo, a noção de linguagem Agostiniana, na qual temos uma situação em que são dadas ordens por um participante (A) da situação comunicativa (jogo) a outro participante (B), que as cumpre. Mesmo os entendendo como jogos linguísticos, Wittgenstein argumentou que tais jogos simples não podem ser considerados um sistema completo pelo qual a linguagem humana acontece: “Santo Agostinho descreve, podemos dizer, um sistema de comunicação; só que esse sistema não é tudo aquilo que chamamos de linguagem” (1999, p. 28).

Esse modelo de linguagem deve incluir tanto dimensões *sintáticas* quanto *pragmáticas*. A dimensão sintática pode ser entendida como regras formais que aprendemos no decorrer do processo de aquisição da linguagem. Por exemplo, as regras da gramática escolar. Elas não admitiriam construções como “Colunas, segundo” ou “Tabuas dois”, se pensarmos no jogo de comando entre construtor e ajudante (COSTA, 1982).

Já a dimensão pragmática deve ser constituída de regras práticas que têm por função validar o uso de expressões associadas a objetos, circunstâncias, comportamentos ou qualquer outra atividade humana. No modelo de linguagem descrito por Wittgenstein, o construtor (A) ao gritar “Tijolo!”, estipula uma regra pela qual sempre que A gritar “Tijolo!”, o ajudante (B) deve levar uma pedra de contorno determinado até ele.

Como já dito, os *jogos de linguagem* podem ainda ser classificados em compostos. São jogos altamente complexos, que englobam as unidades mais diversificadas e amplas da nossa

linguagem, o que torna difícil descrevê-los. Em outras palavras, podemos dizer que eles estabelecem relações, assim como os jogos simples, entre uma palavra e uma enorme quantidade de coisas e situações, por meio de regras. Por exemplo, quando um falante, num processo de interação, usa palavras que devem ser entendidas por um ouvinte no presente, passado e futuro, elas devem manter uma relação complexa. A aplicação de uma expressão em situações nas quais existem circunstâncias para que ela seja entendida pode ser considerada um jogo complexo da nossa linguagem (COSTA, 1982).

Em grande parte do seu trabalho filosófico, Wittgenstein enfatizou que, para compreendermos um conceito, uma ideia, é preciso usar de construções fictícias de estruturas de pensamento. No entanto, após a obra *Investigações Filosóficas*, o filósofo passa a fazer cada vez menos uso de jogos fictícios (GLOCK, 1998). Dá espaço para situações linguísticas reais, colocando-as em oposição a situações não linguísticas da nossa linguagem. Isso pode ser notado já em algumas passagens das *Investigações Filosóficas*:

Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros:

Comandar, e agir segundo comandos -

Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas - Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) -

Relatar um acontecimento -

[...]

É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus Logico-philosophicus*.) (1999, p. 37, grifo do autor)

Em outros momentos, o filósofo acresce situações mais complexas, como por exemplo, mentir: “Somos talvez precipitados ao supor que o sorriso do bebê não é simulação? - E em que experiência se baseia nossa suposição?”, e afirma que “Mentir é um jogo de linguagem que deve ser aprendido como qualquer outro” (WITTGENSTEIN, 1999, p.99).

A analogia da linguagem a um jogo de xadrez é marcante no pensamento de Wittgenstein, sem dúvida. A ideia de que aprendemos as palavras como num jogo, não pela mera memorização dos nomes referenciados às peças, mas pelas séries de movimentos que realizamos, ou seja, pelos vários usos que fazemos das palavras, evidencia a linguagem como total interação. Mas há um momento em que essa analogia se desfaz, pois os *jogos de linguagem* são mais complexos do que qualquer outro, não podendo ser nossos fragmentos linguísticos comparados a relações limitadas que um jogo normalmente mantém. Em outros termos, as nossas práticas linguísticas fazem parte de um sistema global (GLOCK, 1998). Wittgenstein dá, então, novas denominações ao conceito, aplicando termos como “jogos de linguagem total”, “jogos de linguagem humana”, “nosso jogo de linguagem”, e com isso apresenta sua concepção

mais importante: “Chamarei também de ‘jogos de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (1999, p. 30).

Pela perspectiva da filosofia, os *jogos de linguagem* apontam um erro da filosofia ao querer ir além da linguagem cotidiana (HADOT, 2014). Para Wittgenstein, a linguagem cotidiana não pode ser superada: “Nosso erro é procurar uma explicação lá onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos primitivos’. Isto é, onde deveríamos dizer: *joga-se esse jogo de linguagem*” (1999, p. 159, grifo do autor). Para Hadot, no entanto, há uma falha nos *jogos*, muito pela pretensão de Wittgenstein de nada acrescentar ao que ele mesmo definiu:

O próprio fato de reconhecer a diversidade dos jogos de linguagem, o próprio fato de considerar a linguagem cotidiana um fenômeno original, constitui um percurso, supõe uma atitude, inventa um jogo de linguagem deferente dos outros. É apenas em um jogo de linguagem “filosófico” que se pode falar da linguagem cotidiana como de um “fenômeno original”. Mas creio precisamente que o mérito de Wittgenstein consiste em nos fazer entrever que filosofamos “na” linguagem, em “uma” linguagem e em “um” jogo de linguagem. (2014, p. 80).

Embora, de início, as palavras tenham seu significado dentro de uma frase (proposição) e dentro de um jogo no qual elas são usadas pelos participantes (falantes e ouvintes), Wittgenstein argumenta, mais tarde, que as palavras, basicamente, só possuem significado no fluxo da vida. A maneira como as empregamos faz parte da nossa natureza: “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de forma de vida” (1999, p. 35).

É preciso salientar também a noção que ganha força, pelos pesquisadores das ideias do filósofo, de que nossos *jogos de linguagem* não precisam, necessariamente, ser justificados, sendo espontâneos em nossas reações e atividades naturais (GLOCK, 1998).

2.2 Semelhanças de família

A noção de *semelhanças de família* surge como um ataque de Wittgenstein ao *essencialíssimo*. O filósofo condena a ideia de que deve haver algo comum a todas as unidades pertencentes a um conceito que consiga explicar o porquê de elas existirem sob tal finalidade. Em oposição a essa noção essencialista, Wittgenstein lança mão dos *jogos de linguagem* para explicar a natureza da linguagem e das proposições. Olhando para vários exemplos de jogos, vemos que todos eles possivelmente parecem possuir uma conexão (fio único) que os mantém conectados semanticamente, no entanto isso parece ser apenas fruto da visão demasiada de que existe uma essência na linguagem humana que não podemos compreender. Contudo, nada há em comum entre os jogos, nada que ligue cada uso da palavra a um critério único, escreveu Wittgenstein:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de "jogos". Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos etc. O que é comum a todos eles? Não diga: "Algo deve ser comum a eles, senão não se chamariam 'jogos'", -mas veja se algo é comum a eles todos. -Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. (1999, p. 52).

Aplicando essa noção, imagine, por exemplo, os jogos de tabuleiro; há muitos parentescos entre todos eles. Agora pense em jogos de cartas; eles já não se parecem tanto com os que foram citados anteriormente. Xadrez e tênis: um jogador precisa de habilidades um tanto que deferentes, e assim por diante em vários outros jogos: “E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente” (1999, p. 52), afirma Wittgenstein.

O filósofo deu a este conceito o nome de *semelhanças de família* por analogia ao fato de que os membros de uma grande família, mesmo mantendo parentescos, mantêm entre si as mais diversificadas diferenças:

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão "**semelhanças de família**"; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc., etc. -E digo: os "jogos" formam uma família. (1999, p. 52, grifo nosso)

Essa noção, no entanto, não implica que um conjunto de condições que todos os jogos satisfaçam seja inexistente, e, logo, uma definição analítica para “jogo” seja impossível, dada em termos de condições necessárias e suficientes. Wittgenstein apresenta essa descoberta apenas como o resultado de um exame (GLOCK, 1998).

Wittgenstein afirma sofrer de uma “necessidade de generalização” (1992, p. 47), que junto a uma “atitude de desprezo para com o caso particular” (1992, p. 49), seria responsável por fazê-lo a chegar a conclusões absurdas e erradas.

Segundo Costa, esta necessidade não pode ser considerada em si um erro, porém, a partir dela, pode conduzir inevitavelmente ao erro, se sustentada pela concepção sobre a estrutura da linguagem de que deve haver uma “essência oculta”, comum a todas as palavras (1982, p. 55).

Há, dentre várias objeções, uma que contesta a coerência da noção de *semelhanças de família*. De acordo com Glock: “A conclusão adequada a ser retirada do fato de que explicamos 'jogo' de diferentes e variadas maneiras é que não se trata de um termo unívoco, mas de um termo que tem significados diferentes, ainda que relacionados” (1998, p. 326). Wittgenstein parece, no entanto, ter rejeitado essa ideia, argumentando que, por exemplo, no caso de "compreensão", não temos uma família de significados, mas sim de *semelhanças de família* dentro conceito:

Falamos da compreensão de uma frase no sentido em que ela pode ser substituída por uma outra que diz a mesma coisa; mas também no sentido em que não pode ser substituída por nenhuma outra. (Tampouco quanto um tema musical por outro.)

Num caso, é o pensamento da frase que é comum às diferentes frases; no outro, é algo que apenas essas palavras, nessa posição, expressam.

(Compreensão de um poema.)

Então "compreender" tem aqui duas significações diferentes?

- Prefiro dizer que essas espécies de uso de "compreender" formam sua significação, o meu *conceito* de compreensão.

Pois *quero* aplicar "compreender" a tudo isso. (1999, p. 141)

Pode-se argumentar, contra o filósofo, que o significado de uma palavra é o seu uso. Sendo a multiplicidade do uso, na verdade, decorrente da multiplicidade dos significados da palavra (GLOCK, 1998). Mas Wittgenstein responde a isso afirmando que só se pode considerar ambíguo o sentido de uma palavra se, em uma única situação comunicativa, ela servir tanto para uma frase (preposição) positiva e negativa:

Se, por outro lado, admitirem que a cadeia de razões reais tem um início, deixarão de sentir aversão pela ideia de um caso em que não exista qualquer razão para que a ordem seja executada de uma determinada maneira. Chegados a este ponto, surge-nos, contudo, uma outra confusão: a que se estabelece entre razão e causa. É-se levado a esta confusão pelo uso ambíguo da palavra «porquê». Assim, quando a cadeia de razões chegou a um termo e ainda se pergunta «porquê?», sentimo-nos inclinados a indicar uma causa em lugar de uma razão. Se, por exemplo, quando vos é feita a pergunta, «porque é que pintaram precisamente esta cor quando vos disse para pintarem uma mancha vermelha?» responderem: «mostraram-me uma amostra desta cor e ao mesmo tempo pronunciaram a palavra "vermelho"; por conseguinte quando ouço a palavra "vermelho" esta cor vem-me sempre ao espírito», o que indicaram é uma causa da vossa acção e não uma razão. (1992, p. 44)

Embora Wittgenstein tenha apresentado muitas metáforas para ilustrar as *semelhanças de família*, ele não se preocupou em definir que tipos de condições devem ser usadas para delimitar a extensão do emprego de um conceito com *semelhanças*. Segundo Costa:

[...] uma vez que quaisquer duas coisas se assemelham sempre entre si em algum aspecto, ou que uma coisa pode ser relacionada a qualquer outra coisa por meio de uma sucessão de elos de semelhanças mantidos com entidades intermediárias, a noção de semelhanças de família é vazia por mostrar-se incapaz de impor limites à aplicação de um conceito. (1982, p. 58)

Apesar disso, Wittgenstein não propôs a noção de que todos os conceitos são conceitos determinados por semelhança de família. Na sua argumentação, em vez disso, admite que pelo menos algumas das ramificações de um conceito de *semelhança de família* vinculam-se por condições necessárias e suficientes:

Mas então não temos um conceito daquilo que é uma proposição, daquilo que entendemos por "proposição"? - Sim; tanto quanto temos também um conceito daquilo que entendemos por "jogo". Interrogado sobre o que é uma proposição - quer devamos responder a um outro ou a nós próprios -, daremos exemplos e, entre esses, também aquilo que se poderia chamar de séries indutivas de proposições; ora, deste modo temos um conceito de proposição. (Compare o conceito de proposição com o conceito de número.) (1999, p. 69)

2.3 Categorização

A categorização é um tema de grande interesse da linguística cognitiva, ao qual aborda a linguagem, interligada com a experiência humana, como meio de se adquirir conhecimento. Os processos que envolvem a linguagem são vistos como capacidades cognitivas gerais, determinadas por princípios de categorização e mecanismos da cognição, que se juntam a experiência cultural, social e particular de cada indivíduo no mundo. Do ponto de vista científico, a linguística cognitiva caracteriza-se, dentre outras coisas, por dar importância à semântica, partindo da ideia de que se a categorização tem uma função primária na linguagem, logo a significação será o fenômeno linguístico central na análise linguística (SILVA, 1997).

O processo de categorização pode ser entendido como o agrupamento de entidades, como objetos, ideias, ações, por semelhanças. Podemos entendê-lo como um processo mental inerente à natureza do homem, visto que, na nossa vida, classificamos automaticamente coisas e ideias, como exercício de compreensão e conhecimento (LIMA, 2010).

Segundo Lakoff (1987 *apud* LIMA, 2010, p. 109):

A maioria de nossas palavras e conceitos designam categorias [...] Categorização não é um processo que deve ser estudado superficialmente. Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação, e discurso. Cada vez que nós vemos algo como “um tipo” de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. [...] A compreensão de como categorizamos é o ponto central para a compreensão de como nós pensamos, funcionamos e, conseqüentemente, um ponto central para a compreensão daquilo que nos faz humanos.

A princípio, podemos nos perguntar como é possível a categorização da imensa variedade de entidades que existem no mundo e como as categorias de conceitos se estruturam. A linguística cognitiva afirma que a categorização linguística se processa na base de protótipos, exemplos típicos, que melhor representam uma unidade. Conseqüentemente, uma categoria terá uma estrutura prototípica, baseada em protótipos (SILVA, 1997).

Para fundamentar essa ideia, tanto a linguística cognitiva quanto suas subáreas que entendem a interação linguística como processo cognitivo (por exemplo, a semântica cognitiva, que nesta pesquisa nos interessa), baseiam-se na noção de que vários membros ou propriedades de uma categoria possuem diferentes graus de parentescos, agrupando-se por similaridades parciais ou *semelhança de família* (SILVA, 1997; OLIVEIRA, R. P, 2012). Tal conceito foi dado, como visto na seção (1.2), pelo filósofo Wittgenstein.

Essa linha de pensamento também é usada para negar a abordagem clássica de categoria. Tal noção surgiu ainda na Grécia Antiga, com Platão e Aristóteles, que concebiam os conceitos

como definidos por essências. O segundo teve mais destaque, por se aproximar da teoria científica dos conceitos, e é estudado até hoje. Para ele, conceitos são definidos por um jogo de características necessárias e suficientes de maneira representativa, e não como processo. Dessa forma, as categorias são definidas por propriedades comuns a todos os seus membros.

Por volta de IV a. C, os estudos clássicos da Filosofia tiveram Aristóteles defendendo uma concepção de mundo baseada em um pensamento objetivista. Basicamente, ele acreditava ser possível compreender o mundo através de nosso pensamento lógico e, assim, deflagrar a essência das coisas do mundo e falar corretamente sobre elas. Quando nomeamos algo, como por exemplo, galo, traçamos um perfil para que possamos diferenciá-lo das demais categorias. Isso seria possível através da nossa capacidade de distinguir os traços essenciais das coisas e, dessa forma, revelar a qual categoria pertence o elemento galo. Assim, o que interessa para essa concepção categorial é entender que os traços acidentais das coisas (formas individuais de cada um; ex: cabelo, cor do olho, altura) não eram importantes, mas sim os chamados traços essenciais (formas gerais; ex: masculino, bípede, dotado da razão), pois eles é que diriam se um elemento pertenceria ou não à determinada categoria, de uma forma dicotomizada (pertence ou não pertence). (SANTOS, 2010, p. 2)

Embora a abordagem clássica tenha impactado várias áreas do conhecimento, os princípios dessa teoria têm recebido diversas críticas, muito em razão do desenvolvimento de teorias linguísticas, que abrem novas formas de se olhar a linguagem. Os estudos sobre categorização aumentaram nos últimos anos, o que fez surgir questionamentos que apontam problemas em relação à abordagem clássica. Lakoff (1987), por exemplo, mostrou que a teoria clássica não é o resultado de um estudo científico, e que não era sequer debatida; era vista, até recentemente, como uma verdade absoluta na maioria das áreas (LIMA, 2010).

A noção de protótipo, ao qual a linguística cognitiva e suas subáreas se ancoram para negar a abordagem clássica, também se mostra complicada e tem levantado questionamentos mesmo à luz dos estudos cognitivos, que oferecem evidências psicológicas e linguísticas. Dentre elas, a de Geeraerts (1989) é talvez a que ofereça mais argumentos coerentes. Segundo ele, a protipicidade é uma noção prototípica, por si só, visto que não se reduz a um único fenômeno, característica ou efeito, mas compreende cada um como distintos e não necessariamente co-extensivos. Em outras palavras, uma categoria pode apresentar diferenças entre em seus membros, tanto nos diferentes graus de parentescos quanto na descrição de tais características, que podem ser bastante flexíveis (SILVA, 1997).

3 O SENTIDO IMPLÍCITO NO JOGO LINGUÍSTICO

Nas seções 2.1 e 2.2, vimos que é através dos *jogos de linguagem* que aprendemos o significado das palavras, sendo o sentido de um termo regulamentado pelas regras estabelecidas por nós, falantes e ouvintes, no uso da linguagem; e também que os muitos usos de uma única palavra, em diversos contextos linguísticos, são constituídos por *semelhanças de família*. Nesta seção, investigaremos as relações de similaridades na categorização da palavra amor, analisando os limites de parentescos presentes no uso dessa unidade lexical.

Wittgenstein, ao usar a palavra jogo como exemplo de um termo com *semelhanças de família*, respondeu a uma possível objeção de que deve haver uma característica comum contida em todos os usos do termo jogo; que devemos traçar um limite ao usá-lo:

Como explicaríamos a alguém o que é um jogo? Creio que lhe descreveríamos jogos, e poderíamos acrescentar à descrição: "isto e outras coisas semelhantes chamamos de jogos". E nós próprios sabemos mais? Será que apenas a outrem não podemos dizer exatamente o que é um jogo? — Mas isto não é ignorância. Não conhecemos os limites, porque nenhum está traçado. Como disse, podemos — para uma finalidade particular — traçar um limite. É somente a partir daí que tornamos o conceito útil? De forma alguma! A não ser para esta finalidade particular. Tampouco tornaria útil a medida de comprimento "um passo" aquele que desse a definição: um passo = 75 cm. E se você me disser: "Mas antes não havia nenhuma medida de comprimento exata", retrucarei: "Muito bem, então era uma medida inexata". — Se bem que você ainda me deva a definição de exatidão. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 53)

Dessa forma, o filósofo mostra que sempre haverá uma imprecisão ao delimitarmos os limites de um termo. Costa nos dá um modelo disso, exemplificando o fato de que toda vez que tentamos torna um termo preciso, falhamos:

A palavra 'cidade' [...] pode ser precisada se estipularmos como critério ou regra para seu uso, que "uma comunidade só pode ser chamada de cidade se tiver mais de 80.000 habitantes". Contudo, uma palavra como 'habitante' é que agora carece de definição, pois não sabemos ao certo em que medida uma pessoa pode ser considerada como habitante de uma comunidade. Poderíamos certamente precisar o uso de 'habitante' com outra regra, segundo a qual chamaremos de habitante "alguém que habita e trabalha na comunidade". Mas também os conceitos de 'habitar' e 'trabalhar' são imprecisos. Já que uma pessoa pode ter apenas uma residência de verão na comunidade, ou nela trabalhar apenas durante um curto período de tempo. Além disso, seria ainda necessário precisar outros conceitos que ficaram por ser definidos, como o de 'comunidade', que necessitaria de critérios para a delimitação da área territorial específica por ela abrangida, e assim por diante. (COSTA, 1982, p. 65)

Além disso, Wittgenstein defende que conseguimos dizer, por exemplo, o que é e o que não um jogo pela descrição de exemplos de diferentes tipos de jogos, possibilitando, por analogia, a construção de outros modelos de jogos. Dito de outra forma, é pelo uso que fazemos da palavra, junta às descrições que realizamos dela, que adquirimos a capacidade de chamar

algo de jogo. Se alguém tenta estabelecer um limite rígido para uso de um termo, outra pessoa pode não o reconhecer. O conceito que um tem sobre algo, pode não ser o mesmo de outro. Mas, em todos, pode haver um parentesco, algo de semelhante (WITTGENSTEIN, 1999).

Partindo disso, podemos nos perguntar como aprendemos o significado de certas palavras. O próprio filósofo nos fornece exemplos:

[...] Nesta dificuldade, pergunte sempre: como aprendemos o conceito desta palavra ("bom", por exemplo)? Segundo que exemplos; em que jogos de linguagem? Você verá então, mais facilmente, que a palavra deve ter uma família de significações.

Compare: saber e dizer —
 quantos metros de altura tem o monte branco —
 como é usada a palavra "jogo" —
 como soa um clarinete —

Quem se admira de que se possa saber algo e não se possa dizer, pensa talvez num caso como o primeiro. Certamente não pensa em um caso como o terceiro. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 56)

Aqui, alcançamos um ponto de reflexão das ideias de Wittgenstein que, para esta pesquisa, é de fundamental importância. Como vimos, algumas palavras, geralmente, são convencionadas a partir de práticas linguísticas de exemplificação, ficando os seus sentidos e características entendidas de maneira implícita. Esse é o caso da palavra amor.

Ancorados nos princípios de aplicação do conceito de *semelhanças de família* e nos princípios da linguística cognitiva, bem como na semântica cognitiva, analisaremos como a palavra amor pode ser categorizada, nos seus vários usos, mantendo uma cadeia de significados que se assemelham entre si. Primeiro, estabeleceremos os principais significados da palavra amor como possíveis critérios de uso. Segundo, compararemos o seu sentido em alguns contextos linguísticos com os critérios pré-estabelecidos, definindo dessa forma se existem limites de parentesco.

3.1 A categorização da palavra amor

Como argumentado na seção 2.2, há uma dificuldade em estabelecer relações de *semelhanças de família* em palavras que, por terem seu significado ensinado ostensivamente, mantêm similaridades implícitas. Dessa forma, parece impossível determinar os limites de tais relações, o que torna o conceito apresentado por Wittgenstein questionável, uma vez que podem existir critérios necessários nos vários usos de palavras desse tipo. Esse é o caso da palavra amor.

Seguindo os princípios teóricos que apresentamos na seção 2.3, entendemos aqui a categorização como o ato de juntar unidades semelhantes em categorias. A princípio, parece

complexo descrever a categorização de uma palavra amplamente usada como amor, visto que não sabemos ao certo quantos significados a palavra pode manter nos vários contextos em que os falantes a usam. No entanto, temos como objetivo nesta pesquisa investigar as relações de parentescos, o que nos permite analisar um número limitado de significados sem que isso nos induza a conclusões equivocadas, já que elas podem ser identificadas em muitos jogos linguísticos. Para tanto, usamos dois dicionários de língua portuguesa bastante conhecidos para coletar os principais significados dados à unidade lexical amor. Tais significados podem ser considerados como possíveis critérios que devem ser, teoricamente, seguidos no uso da palavra aqui analisada. Segundo o dicionário Mini Aurélio, a palavra amor possui os seguintes significados:

a.mor (ô) [Lat. amore] sm. 1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem. 2. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro, ou a uma causa. 3. Inclinação ditada por laços de família. 4. Inclinação sexual forte por outra pessoa. 5. Apego profundo a valor, coisa, ou animal: amor à verdade; aos livros, aos cães. 6 Devoção extrema: amor à pátria. 7. Objeto do amor (1 a 6). (FERREIRA, 2010, p.42).

Já o dicionário Michaelis apresenta os seguintes significados: “a.mor (lat amore) sm. 1 Grande afeição de uma pessoa por outra. 2 Afeição, grande amizade, ligação espiritual. 3 Carinho, simpatia. 4 O ser amado. Antôn (acepções 1, 2 e 3) ódio” (DICIONÁRIOS MICHAELIS, 2008, p. 47).

Há, nos dois dicionários, significados quase semelhantes. Para fins metodológicos, formularemos proposições que atendam aos significados coletados, ou seja, que contenham a essência de cada um deles, permitindo, assim, maior clareza e objetividade na análise das relações de semelhanças entre cada uso da palavra. Tais proposições atuarão como um conjunto de características do conceito de amor:

- (I) Predisposição de desejar o bem de uma pessoa.
- (II) Dedicação absoluta a uma pessoa ou causa.
- (III) Inclinação mantida por laços familiares.
- (IV) Atração sexual por uma pessoa.
- (V) Relação amorosa.
- (VI) Ligação profunda a um valor, coisa ou animal.
- (VII) Devoção extrema por alguém ou por uma causa.
- (VIII) Afeição a uma pessoa.
- (IX) Ligação de amizade ou espiritual.
- (X) Criação de grande carinho ou simpatia por uma pessoa.

Formulado tal conjunto de características do que se entende como amor, será possível analisar diversos contextos linguísticos nos quais a palavra é utilizada pelos participantes envolvidos.

Podem argumentar que as características descritas acima não contêm todos os possíveis significados da palavra. A rigor científico, é necessário constar que a análise dos dados linguísticos, a ser descrita na seção seguinte, foram coletados de contextos diferentes, em que investigaremos se o sentido da palavra, em uma sentença, mantém alguma relação de semelhança de família com alguma das características do conceito de amor. Como Wittgenstein (1999) descreveu, o conceito de *semelhanças de família* não exige a presença, necessariamente, de um membro da família, no caso, uma das características formuladas aqui. No entanto, em qualquer situação, a palavra deverá ter um sentido que mantenha ao menos um parentesco de família. Caso contrário, a conclusão será de que não existe limites nesse processo.

Outra questão que podem levantar é a de que as características formuladas a partir dos significados são imprecisas e que sozinhas não são suficientes para explicar o significado de amor. Como estamos considerando-as como critérios de uso, o conjunto de todas elas nada mais é do que uma descrição semântica do conceito; atuam como uma exposição das várias interpretações que fazemos do que seja amor. A característica (I), por exemplo, não diz que toda forma de desejar o bem a uma pessoa seja considerado amor, mas que, na maioria dos casos, aquele que ama, deseja o bem de outrem. Na característica (II), não se pode entender que toda dedicação absoluta seja significado de amor, mas sim que aquele que ama, quase sempre, se dedica muito à pessoa amada. A característica (III) não especifica o grau de inclinação por laços familiares ao qual uma pessoa deve possuir para que haja a existência de qualquer sentimento. No entanto, o amor, neste caso, é justificado pelo próprio laço de família. Da mesma forma, as características seguintes não devem ser sozinhas, consideradas detentoras do sentido do conceito de amor. São, na verdade, atributos, critérios, encontradas no seu uso linguístico. Além disso, como argumentado na seção 2, toda tentativa de tornar uma expressão rigorosamente precisa é sempre falha, o que não quer dizer que não se possa tornar as principais características presentes nela explícitas.

3.2 O sentido colocado em xeque

Nesta seção, seguindo os critérios de uso formulados na seção 3.1, analisaremos a palavra amor em alguns contextos linguísticos, identificando e comparando os sentidos gerados.

Dessa forma, será possível determinar os limites das relações de parentescos que cada uso do conceito de amor impõe à situação em que ele é usado.

Os dados coletados, nos textos literários do gênero poema, na letra de uma música, foram escolhidos por serem conhecidos amplamente, e, no caso do texto jornalístico, pela atualidade. Além disso, todos têm diferenças consideráveis no ano de publicação. Primeiro, vejamos o famoso poema de Camões, com o título *Amor é um Fogo que Arde sem se Ver*:

(1) Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se e contente;
É um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
(2) Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
(CAMÕES, 1993, p. 54-55)

A palavra amor é empregada em duas linhas no poema. Na sentença (1), temos o uso de uma figura de linguagem, algo normal no gênero em questão. O autor utiliza da metáfora para dizer que o amor é um sentimento doloroso e invisível ao ser humano. Aqui, notamos a qualidade subjetiva da palavra, o que torna seu sentido e as semelhanças, de certa forma, implícitas. No entanto, como já argumentado, tais semelhanças podem se tornar explícitas a qualquer momento. O nosso objetivo aqui é identificar as relações de semelhança que o sentido empregado mantém com conjunto de possíveis critérios de uso. Ao comparar a sentença (1) com os critérios da seção 3.1, observamos que o sentido de amor contém diversas características de semelhança, como por exemplo com o critério (IV). No poema de Camões, não se fala em desejo sexual. No entanto, aquele que ama por sentir o desejo sexual por outra pessoa, possivelmente irá sentir isso de maneira dolorosa, sem poder enxergar, algo que se assemelha a ideia do poema.

Na sentença (2), a palavra é empregada em uma pergunta. Para entendê-la, é preciso voltar às linhas anteriores. O autor, na verdade, questiona como é possível o amor criar o sentimento de amizade nos corações humanos se o próprio sentimento de amor se opõe à amizade. Há, para o autor, a ideia de que amar seja o desejo (sexual) de uma pessoa por outra, algo que não parece compatível com o sentimento de amizade. Podemos perceber, então, que

na sentença (2), o sentido de amor ainda se assemelha ao critério (IV). Nessas duas situações, conseguimos encontrar semelhanças com pelo menos um critério de uso.

Vejam os trechos de outros poemas, agora da poetisa Florbela Espanca, intitulado *A Vida*:

(3) É vão o amor, o ódio, ou o desdém;
Inútil o desejo e o sentimento...
(4) Lançar um grande amor aos pés d'alguém
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo "Pedro Sem",
Uma Alegria é feita dum tormento,
Um riso é sempre o eco dum lamento,
Sabe-se lá um beijo de onde vem!
(ESPANCA, 1985, p. 98)

Na sentença (3) do poema, o conceito de amor é descrito como "vão", assim como os sentimentos "ódio" e "desdém". Não fica claro que outra característica a autora atribui nessa passagem ao conceito de amor, à exceção do atributo "inútil". Porém, o conceito é colocado ao lado de outros sentimentos, nos quais predispõe que alguém os deseje a uma pessoa. Na sentença (4), há uma explicação da sentença (3), em que a autora utilizando da linguagem enfatiza que manifestar o sentimento de amor a uma pessoa pode ser comparado ao ato de jogar flores ao vento; não há o retorno da ação. Os sentidos do conceito de amor, nas duas linhas, se relacionam com o critério (X), pois existe a criação de sentimentos (ódio, desdém e amor) por uma pessoa. Assim como no texto anterior, podemos encontrar semelhanças com um dos critérios estabelecidos.

Vejam agora um trecho da letra da música *Amor Sem Limites*, do cantor Roberto Carlos:

Quando a gente ama alguém de verdade
(5) Esse amor não se esquece
O tempo passa, tudo passa, mas no peito
(6) O amor permanece
E qualquer minuto longe é demais A saudade atormenta
(7) Mas qualquer minuto perto é bom demais o amor só aumenta
(CARLOS, 2000)

No trecho, a palavra amor é usada em três sentenças. Logo na primeira linha, há uma indicação de que o ato de amar é em relação a alguém, o que torna fácil analisar as sentenças (5, 6 e 7), nas quais encontramos a palavra amor. Como a palavra é apenas repetida nas sentenças, podemos relacionar o sentido empregado nas três com os critérios estabelecidos, que neste caso mantém semelhanças com (I, II, V e VIII). Aqui, encontramos um maior número de parentesco no uso do conceito de amor do que nos textos analisados anteriormente.

Até aqui, usamos textos em que a linguagem poética, metafórica e subjetiva está presente fortemente na compreensão do contexto como um todo, de maneira que a palavra amor

tem seu uso e sentido associado automaticamente à noção de romantismo. Mas será que em textos nos quais não há tanto essa "essência", podemos ter dificuldades em encontrar relações de semelhança?

Vejamos o título de uma notícia veiculada no site do jornal *Folha de S. Paulo*: (8) “Thaila Ayala pede 'mais amor' e diz que acusações sobre uso de drogas são mentirosas” (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Não é possível identificar claramente como o conceito de amor é abordado no título da notícia, visto que se trata de uma chamada. Os jornalistas normalmente utilizam do artifício da imprecisão para despertar a curiosidade dos leitores. Na sentença (8), não sabemos se a pessoa em questão (a atriz Thaila Ayala) pede "mais amor" em razão de acusações de ódio, possivelmente, sobre o uso de drogas, ou se se trata de um pedido geral às pessoas. É preciso analisar alguns trechos da notícia para que seja possível descobrir isso. A notícia inicia explicando a quem a atriz responde sobre as acusações: “A atriz Thaila Ayala, 31, falou pela primeira vez sobre as acusações feitas pela mulher que se apresenta nas redes sociais como socialite e com o nome de Day McCarthy de que ela seria usuária de cocaína” (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Em seguida, a notícia cita a declaração dada pela atriz em uma rede social, na qual ela faz o apelo: (9) “Sobre o que há de mais belo no mundo o AMOR!!!! [...] Gostaria de manifestar minha revolta em relação a essas acusações mentirosas a meu respeito sobre um suposto vídeo que obviamente não existe”. (10) “(...) Por mais amor e menos discursos de ódio” (FOLHA DE S. PAULO, 2017).

Na sentença (9), há a exaltação do amor como sendo a coisa mais bonita no mundo. No entanto, não é possível a compreensão do conceito de amor presente na afirmação. Como se trata de uma manifestação de revolta, e a palavra amor é usada novamente ao final do texto, podemos fazer a dedução do sentido que é associado no texto ao que seja amor. Na sentença (10), amor é colocado em oposição ao ódio, de maneira que deve haver mais um do que outro. Logo, podemos entender o sentido de amor como um ato de desejar o bem a outra pessoa, pois o ódio é justamente o contrário disso. O sentido da sentença (9) fica evidente agora. Comparando com os critérios de uso, podemos perceber que existem parentescos com (IX e X), visto que no texto publicado pela atriz, ela pede a sobreposição do ódio pelo amor. Mesmo havendo um uso diferente daquele que encontrado nos textos poéticos analisados anteriormente, ainda foram identificadas relações de *semelhança de família*.

3.3 Os limites das relações de semelhança

Na seção 3.2, o sentido da palavra amor foi analisado em diversos contextos linguísticos, buscando-se identificar possíveis relações de *semelhanças de família* no uso da palavra. Dessa forma, respondendo ao problema desta pesquisa, se de fato há um limite de parentesco para que uma palavra seja utilizada sem que perca suas principais características de uso. Dentro dos três tipos de texto (poema, música, notícia), analisamos dez sentenças. Em todas, pudemos relacionar o sentido de amor com algum dos critérios estabelecidos na seção 3.1.

Foram formuladas, nesta pesquisa, três hipóteses, afim de direcionar a análise proposta. A primeira hipótese é de que a palavra amor não mantém relações de *semelhanças de família* ilimitados; A segunda hipótese é de que as relações de *semelhanças de família* da palavra amor seguem uma margem de similaridade; A terceira de que a situação linguística é responsável por definir os limites das relações de *semelhanças de família* da palavra amor.

Dentre as três, duas confirmaram. A primeira foi negada, visto que todos os contextos analisados têm alguma similaridade com os critérios de uso da palavra amor. A segunda foi confirmada, pois as *semelhanças de família*, nas sentenças em que a palavra foi empregada, seguiram ao menos um critério pré-estabelecido. A terceira hipótese foi confirmada, visto que assim como argumentamos na seção 3, toda tentativa de delimitar a precisão de um termo se mostra impossível, sendo a situação linguística responsável por definir que sentidos (significados) uma palavra manterá, de acordo com as regras que nós participantes do jogo da linguagem estipulamos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução, apresentamos como objetivo desta pesquisa, analisar três hipóteses em relação à categorização da palavra amor, investigando-se o seu uso e o sentido em certos contextos linguísticos, que foram elas: a palavra amor não mantém relações de *semelhanças de família* ilimitadas no processo de categorização; as relações de *semelhanças de família* da palavra amor seguem uma margem de similaridade no processo de categorização; e a situação linguística é responsável por definir os limites das relações de *semelhanças de família* da palavra amor.

Apoiados pelas ideias filosóficas de Wittgenstein e fundamentados nos princípios da linguística cognitiva, propomos compreender, sobretudo, a experiência linguística do falante e do ouvinte, que atuam como participantes nos jogos da linguagem, gerando sentidos, a partir do contexto em que estão inseridos.

Na seção 2, descrevemos os três conceitos abordados na investigação desta pesquisa. Na seção 2.1, verificamos que o conceito de *jogos de linguagem* evoluiu diversas vezes durante o pensamento filosófico de Wittgenstein, que inicialmente os descreveu como uma maneira simples de usar signos linguísticos; posteriormente, começou a entendê-los como sistemas de comunicação complexos pelo qual o indivíduo aprende a linguagem. O ponto central nessa evolução talvez tenha sido a crítica do filósofo ao ensino ostensivo das palavras (quando se ensina o significado de uma palavra apontando-se para objetos). Para ele, o significado de uma expressão não é o objeto ao qual ela está relacionada, mas sim o uso que fazemos dela mediado por regras linguísticas.

Na seção 2.2, verificamos que a noção de *semelhanças de família* é na verdade um ataque aos *essencialistas*, que entendem a linguagem como uma construção definida por critérios necessários. Wittgenstein acreditava que um conjunto de critérios definidos para se usar uma palavra era inexistente. Para o filósofo, o que existe na verdade são parentescos, *semelhanças de família*, entre cada uso que fazemos de uma palavra. Vimos que muitas objeções foram feitas a essa noção. Dentre elas, a de que não existe um limite de relações de parentescos que uma palavra pode manter. Embora o filósofo tenha proposto que pelo menos algumas ramificações de um conceito são definidas por condições necessárias, não ficou claro como tais condições podem impor limites ao uso de uma palavra.

Na seção 2.3, vimos como a linguística cognitiva compreende a categorização, que é conhecida na sua abordagem clássica por diversas áreas. Como oposição à noção de que existem características necessárias no processo de categorizar, ao qual perpetuou por muitos anos, a

linguística cognitiva desenvolveu a ideia de protótipos, para afirmar que a categorização se processa, na verdade, na base de exemplos típicos, que mais se assemelham com uma unidade. Assim como a abordagem clássica, a noção de protótipos também apresenta problemas. Dentre eles, o limite de parentescos que um conceito deve manter. Por se basear no conceito de *semelhanças de família* de Wittgenstein, a categorização herdou a mesma dificuldade em estabelecer limites aos parentescos.

Na seção 3, começamos a análise proposta nesta pesquisa, buscando estabelecer os limites das relações de semelhança da palavra amor. Antecedendo a análise, argumentamos sobre a noção de imprecisão da linguagem, presente nas ideias de Wittgenstein. Partindo do princípio de que as expressões da nossa linguagem não podem ter sua precisão delimitada, ou seja, de que não podemos definir claramente o que um termo designa, acrescentamos que a nossa análise não poderia definir critérios precisos do uso da palavra amor, ou dos seus significados, apenas tornaria explícitos as características que melhor representam o conceito.

Na seção 3.1, usamos os significados fornecidos por dois dicionários para formular o conjunto de possíveis características, ou critérios, para se usar a palavra amor, com o propósito de investigar se o seu uso em diversos contextos mantém alguma relação com os critérios -pré-estabelecidos.

Finalmente, na seção 3.2, analisamos os sentidos da palavra amor. Verificamos que em todos os casos, o sentido da palavra amor manteve pelo menos um grau de parentescos com um dos critérios. Respeitamos o princípio do conceito de *semelhanças de família* de que não deve haver um critério necessário em todos os membros, mas sim parentescos. Dessa forma, confirmamos que existe um limite de relações de parentescos no uso da palavra amor, como apontou a hipótese (II) levantada no início desta pesquisa, bem como a hipótese (II), visto que os contextos foram responsáveis por delimitar os critérios de usos, mesmo que sejam considerados vagos.

Pudemos constatar que as ideias de Wittgenstein têm sua aplicação na linguística de maneira a serem analisadas e confirmadas cientificamente. A linguística cognitiva e suas subáreas, apesar de recentes, fornecem teorias satisfatória na investigação da linguagem. Esta pesquisa, apesar de limitada, e correndo o risco de empobrecer e distorcer o pensamento filosófico de Wittgenstein, sem dúvida irá contribuir com avanço do estudo da categorização à luz da filosofia da linguagem e fundamentado nos princípios da linguística.

REFERÊNCIAS

1 DICIONÁRIOS

DICIONÁRIOS MICHAELIS. **MICHAELIS**: dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. Ed. Curitiba: Positivo, 2010. 960 p. Coordenação e edição: Marina Baird Ferreira.

2 MATERIAL ANALISADO

CAMÕES, Luís Vaz de. In: ABDALA, Benjamin Junior. **Camões Épica e Lírica** – Coleções Margens do Texto. São Paulo: Scipione, 1993.

CARLOS, Roberto. Amor sem limites. **Amor sem limites**. Sony BMG, 2000. 1 CD. Faixa 2.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. Lisboa: Europa-América, 4. ed., 1985.

FOLHA DE S. PAULO. **Thaila Ayala pede ‘mais amor’ e diz que acusações sobre uso de drogas são mentirosas**. São Paulo, 29 Nov., 2017. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2017/11/thaila-ayala-pede-mais-amor-e-diz-que-acusacoes-sobre-uso-de-drogas-feitas-sao-mentirosas.shtml>>. Acesso em: 1 Dez. 2017.

3 LITERATURA CONSULTADA

BRAMBATTI, Laina Jéssica de Almeida. A crítica que Wittgenstein realiza à noção de essência desestrutura a determinação de definições unívocas?. **Controvérsia**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 90-103, mai.-ago. 2014.

COSTA, Claudio F. **Wittgenstein e a gramática do significado**. 1982. 87f. Dissertação (Mestrado) - IFCS, Rio de Janeiro, 1982.

GLOCK, Hans-Johan. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HADOT, Pierre. **Wittgenstein e os limites da linguagem**. São Paulo: É Realizações Ed., 2014.

LENZ, Paula. Semântica Cognitiva. In: BASSO, Renato (Org.). JUNIOR, Celso Ferrarezi (Org.). **Semântica, Semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, p.108-122, maio./ago. 2010.

OLIVEIRA, Paulo. Implicações do Pensamento de Wittgenstein para o Ensino de Línguas. **Cad. Hist. Fil. Ci.**, Campinas, Série 3, v. 14, n. 2, p. 335-363, jul.-dez. 2004.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: BENTES, Anna Christina (Org.). MUSSALIM, Fernanda (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PENHA, João da Penha. **Como Ler Wittgenstein**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Ricardo Yamashita. Wittgenstein e a teoria dos protótipos sob a ótica da linguística sociocognitiva. **Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem**, São Carlos, ed. 14, jul.-ago.-set., 2010. Seção Artigos e Ensaios. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao14/art_10.php>. Acesso em: 11 dez. 2017.

SILVA, Augusto da Silva. A linguística cognitiva - Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, ISSN 0874-0321, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. **O Livro Azul**. Lisboa: Edições 70, 1992.